

---

# ANOTAÇÕES SUBSIDIÁRIAS SEGREDOS E MISTÉRIOS DE UM DÂNDI

---

*Cid Seixas*

A breve narrativa de Oscar Wilde *The Sphinx Without Secret* situa-se entre os diversos contos publicados pelo autor ao longo da sua dramática vida. Nesta tradução do texto original para o português – feita especialmente para a coleção PEQUENAS OBRAS PRIMAS – julguei mais expressivo denominá-lo *A Esfinge Sem Mistério*, embora as versões existentes adotem o termo “segredo”, mais fiel à raiz latina da palavra usada no título inglês:

“secret” < “secretum”. Depois de lida a história, o leitor concordará, ou não, com as razões da escolha aqui imposta.

Ao decidir fazer uma edição bilíngue, isto é, incluindo também o texto em língua inglesa, creio que se amplia a utilidade deste e-book, que servirá para alunos de inglês que, além de poderem ler a tradução, terão acesso à própria escrita do romancista, contista e poeta do antigo Reino Unido.

Oscar Fingal O’Flahertie Wills Wilde – longo nome com traços da orgulhosa aristocracia – nasceu em Dublin, na Irlanda, em meados do século XIX, após o exaurimento das estéticas romântica e realista; pleno período de ebulição e primeiros experimentos da modernidade, no campo da literatura e das artes.

Sua mãe, a escritora e estudiosa de questões tanto linguísticas quanto femininas Jane Francesca, também obteve destaque como uma mulher ativa e de

voz ativa, o que provavelmente influenciou de forma positiva na formação do filho.

O pai de Wilde era médico e conselheiro de destaque na sociedade irlandesa, além de pessoa de sólidos recursos financeiros. O filho escritor foi aluno brilhante, premiado em eventos de língua e literatura, incluindo aí a aptidão para os estudos clássicos, isto é, do grego e do latim.



Foto de Oscar Wilde

Em consequência da sua experiência de vida, Oscar Wilde tornou-se responsável pela concepção de uma corrente estética capaz de responder aos seus valores pessoais e às inquietações artísticas de um rico momento de gestação de conceitos e ideias estridentemente novos. Assim é que o até então bem sucedido dândi foi convidado para fazer uma série de palestras, nos Estados Unidos, sobre o movimento por ele fundado – abrangendo essa estética ancorada na beleza – e seus fundamentos históricos.

Convém não se perder de vista tanto o dandismo quanto a valorização da artificialidade que presidia o reluzente universo dessas concepções wildianas. Sua célebre frase (“Ser natural é a mais difícil das poses”) ilustra muito adequadamente o que aqui se observa, e cabe como uma luva nas bem cuidadas mãos do escritor.

Como justificativa para o culto quase obsessivo do luxo e dos artifícios bur-



gueses e pós-românticos, pretendia-se usar o belo como forma de nublar a visão dos horrores provocados pela desigualdade de condições de vida entre as pessoas ricas e pobres. E ressalte-se que essa incômoda desigualdade é ainda mais acentuada pelo triunfo do *boom* industrial, na Inglaterra e nos seus subalternos países satélites.

Embora tivesse produzido, ao longo de duas décadas de gramourosa vida social e familiar, uma obra de alta qualidade, Wilde tornou-se famoso aos olhos do mundo menos pelo conhecimento

dos seus livros e mais pela escandalosa repercussão de fatos de ordem estritamente pessoal.

Casado com uma dama de prestígio social, além de pai de dois filhos, o escritor – até então vitorioso nas suas conquistas e demandas – decidiu processar por calúnia e difamação um conceituado membro da nobreza do Reino Unido.

Recordo agora as palavras do poeta e estudioso de literaturas de língua inglesa Ildásio Tavares, de quem fui aluno no Instituto de Estudos Califórnia, no final dos anos sessenta do século passado. Ele insistia no fato de não ser conveniente se desafiar o poder da nobreza europeia. Esse desafio, como se sabe, foi o fim da brilhante carreira de Oscar Wilde. Segundo voz corrente na crônica mundana de Londres, o escritor irlandês tinha um relacionamento afetivo com um dos filhos do Marquês de

Queensberry, que o pai do rapaz considerava suspeito.

Acusado através de um expressivo bilhete que dizia “A Oscar Wilde, que assume atitudes de sodomita”, o irlandês resolveu pedir a detenção do nobre cavalheiro. Como durante o processo, nenhum dos dois lados aceitasse uma conciliação, a contenda adquiriu enorme repercussão, quando ficou comprovado o envolvimento de Wilde com homens conhecidos pela natureza pública da vida sexual, fortemente condenada pela moral vitoriana.

Após uma sequência de julgamentos, em maio de 1895 ele foi condenado a dois anos de prisão e a trabalhos forçados, por “cometer atos imorais com diversos rapazes”.

Começa aí a ruína da meteórica carreira do escritor, que passa a ser visto e julgado não mais pelo valor da sua multifacetada obra, mas pelo apagamento da sua reputação moral.

Durante algum tempo, as peças de teatro, o romance *O Retrato de Dorian Grey*, os contos e os poemas, até então admirados, foram obscurecidos ou julgados como frívolos e superficiais.

O reconhecimento da sua importância como artista só aconteceu após a morte, causada por moléstias oportunistas e pelo alcoolismo, em novembro de 1900, três anos depois de deixar a prisão.

Estrangeiro de si mesmo, Oscar Wilde viveu nos últimos anos em Paris, depois de se esconder sob outro nome e de ser abandonado pela grande roda de amigos e admiradores.

---

SEIXAS, Cid. Anotações Subsidiárias. Segredos e Mistérios de um Dândi. In WILDE, Oscar. *A Esfinge sem Mistério*. Tradução, Edição e Notas de Cid Seixas. Salvador, E-Book.Br, 2019, p. 41-47.